



PND

PROVA NACIONAL DOCENTE

LETRAS INGLÊS

- ▶ Formação Geral Docente
- ▶ Conhecimentos Específicos

INCLUI QUESTÕES GABARITADAS

**EDITAL N° 67, DE 22
DE MAIO DE 2026**



BÔNUS

ÁREA DO
CONCURSEIRO

- **Português:** Ortografia, Fonologia, Acentuação Gráfica, Concordância, Regência, Crase e Pontuação.
- **Informática:** Computação na Nuvem, Armazenamento em Nuvem, Intranet, Internet, Conceitos, Protocolos e Segurança da informação.

41
ANOS
A SOLUÇÃO PARA O SEU CONCURSO



AVISO IMPORTANTE:



Este é um Material de Demonstração

Este arquivo é apenas uma amostra do conteúdo completo da Apostila.

Aqui você encontrará algumas páginas selecionadas para que possa conhecer a qualidade, estrutura e metodologia do nosso material. No entanto, **esta não é a apostila completa.**

POR QUE INVESTIR NA APOSTILA COMPLETA?

- ✖ Conteúdo totalmente alinhado ao edital
- ✖ Teoria clara, objetiva e sempre atualizada
- ✖ Questões gabaritadas
- ✖ Diferentes práticas que otimizam seus estudos

Ter o material certo em mãos transforma sua preparação e aproxima você da **APROVAÇÃO.**

Garanta agora o acesso completo e aumente suas chances de aprovação:
<https://www.editorasolucao.com.br/>



PND

PROVA NACIONAL DOCENTE

Letras Inglês

EDITAL Nº 67, DE 22 DE MAIO DE 2026

CÓD: SL-185MA-26
7908433299509

Formação Geral Docente

1. Filosofia da educação.....	7
2. História da educação.....	8
3. Sociologia da educação.....	15
4. Psicologia da educação.....	18
5. Teorias pedagógicas.....	20
6. Didática e metodologias de ensino.....	27
7. Teorias e práticas de currículo.....	29
8. Políticas públicas, organização, financiamento e avaliação da educação brasileira.....	31
9. Metodologia de pesquisa em educação e ensino.....	34
10. Tecnologias da comunicação e informação nas práticas educativas.....	38
11. Letramento científico.....	41
12. Educação especial e inclusiva.....	44
13. Libras, cultura e identidade surda.....	51
14. Identidade e especificidades do trabalho docente.....	54
15. Planejamento e avaliação do ensino e da aprendizagem.....	57
16. Práticas educativas para crianças, adolescentes, jovens e adultos.....	61
17. Planejamento, organização e gestão democrática educacional em espaço escolar e não escolar.....	64
18. Implementação e avaliação de currículos, programas educacionais e projetos político-pedagógicos.....	66
19. Práticas de articulação entre escola, família, comunidade e movimentos sociais.....	69
20. Histórias e culturas africanas, afro-brasileiras e indígenas.....	72
21. Educação, inclusão e direitos humanos.....	75
22. Educação socioambiental.....	77
23. Educação para as relações de gênero e sexualidade.....	81
24. Educação para as relações étnico-raciais.....	84

Conhecimentos Específicos Letras Inglês

1. Concepções de língua/linguagem, texto e discurso. Correntes linguísticas.....	93
2. Processos de letramentos.....	99
3. Aspectos pragmático-discursivos, fonológicos, morfossintáticos e léxico-gramaticais nos processos de compreensão e de produção de textos.....	101
4. Aspectos pragmático-discursivos, fonológicos, morfossintáticos e léxico-gramaticais nos processos de descrição e análise linguística.....	103
5. Fenômenos de variação, mudança e preconceito linguístico.....	106
6. Diversidade linguística e seus aspectos geopolíticos.....	108
7. Gêneros discursivos e textuais.....	111
8. Teorias de aquisição, de aprendizagem e de processamento da linguagem.....	116
9. Métodos e abordagens de ensino de língua e literatura.....	119
10. Tecnologias no processo de ensino e aprendizagem de língua e literatura.....	133
11. Avaliação do processo de ensino e aprendizagem de língua e literatura.....	143

ÍNDICE

12. Políticas linguísticas no ensino de língua e literatura.....	160
13. Aspectos decoloniais no ensino de língua e literatura.....	163
14. Aspectos decoloniais no ensino de língua e literatura.....	167
15. Articulações entre literatura, cultura e diversidade cultural.....	169
16. Especificidades da linguagem literária.....	171
17. Gêneros literários: tradição e inovação	173
18. Letramento literário: literatura canônica e não canônica na formação do leitor	175
19. Movimentos literários e suas articulações interculturais	176
20. Métodos de investigação e pesquisa na área de língua e literatura	177

FORMAÇÃO GERAL DOCENTE

FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Vestigação dos princípios, valores e objetivos que fundamentam a prática educativa. Ela questiona o propósito da educação, os métodos ideais de ensino e as concepções de conhecimento e ética que devem orientar a formação humana. Esse ramo da filosofia é essencial para pensar a educação de forma crítica e fundamentada, pois explora o que significa educar e como o processo educativo contribui para o desenvolvimento individual e social.

▪ O que é Filosofia da Educação?

A Filosofia da Educação é uma área da filosofia que busca responder perguntas fundamentais sobre o sentido e o propósito da educação. Ela se interessa por questões como:

- Por que educamos?
- O que significa ensinar e aprender?
- Qual é o papel da educação no desenvolvimento moral e social do indivíduo?

Essas perguntas formam a base de um campo que, ao longo da história, influenciou o modo como as sociedades entendem e organizam suas instituições educacionais. A filosofia da educação ajuda a definir os valores que orientam as práticas pedagógicas e a esclarecer o que é considerado conhecimento válido, além de influenciar decisões políticas e pedagógicas.

► Principais Correntes Filosóficas e suas Contribuições para a Educação

Cada corrente filosófica apresenta uma visão particular sobre os objetivos da educação, o papel do professor e o desenvolvimento do aluno. Entre as principais correntes, destacam-se:

► Idealismo

O idealismo, influenciado por filósofos como Platão, vê a educação como um processo de desenvolvimento moral e intelectual. Segundo essa corrente, a educação deve promover o crescimento interior e o alinhamento do indivíduo com valores absolutos, como a verdade, a bondade e a beleza. O professor, nesse contexto, é um guia que ajuda o aluno a acessar um conhecimento superior e a desenvolver uma ética elevada.

► Realismo

O realismo, influenciado por Aristóteles, valoriza o ensino de conhecimentos objetivos e concretos sobre o mundo físico e natural. Para o realismo, a educação tem um papel funcional, devendo preparar o indivíduo para a vida prática e para a interação

com o ambiente em que vive. A aprendizagem ocorre principalmente pela observação e pela prática, com o professor agindo como um mediador que ajuda os alunos a compreender o mundo real.

► Pragmatismo

O pragmatismo, desenvolvido por pensadores como John Dewey, considera a educação um processo de construção ativa do conhecimento, fundamentado na experiência e na prática. Segundo essa corrente, a educação deve ser adaptada às necessidades e interesses dos alunos e incentivá-los a resolver problemas e desenvolver habilidades práticas para a vida em sociedade. Dewey defendia uma educação democrática e participativa, onde o professor atua como facilitador e o aluno participa ativamente do processo de aprendizado.

► Existencialismo

O existencialismo, com influências de filósofos como Jean-Paul Sartre, valoriza a liberdade e a autonomia do indivíduo, vendo a educação como um meio de desenvolver a capacidade de escolha e de autoexpressão. Para o existencialismo, a educação deve incentivar a reflexão e a tomada de decisões conscientes, permitindo que o aluno construa sua própria identidade. O professor é um facilitador que incentiva o aluno a descobrir suas próprias respostas e a assumir responsabilidade por suas escolhas.

► Pensadores Influentes na Filosofia da Educação

Ao longo da história, vários pensadores influenciaram o desenvolvimento da filosofia da educação. A seguir, destacamos alguns dos principais nomes e suas contribuições:

▪ Platão

Platão via a educação como um meio para o desenvolvimento da alma e do caráter. Em sua obra *A República*, propôs um sistema educacional que valorizasse o desenvolvimento ético e intelectual, com o objetivo de formar cidadãos capazes de governar de maneira justa. Para Platão, o conhecimento verdadeiro era inato e deveria ser despertado através do ensino.

► Rousseau

Jean-Jacques Rousseau, em sua obra *Emílio, ou Da Educação*, defendeu a ideia de uma educação natural, onde o aluno aprende por meio de experiências diretas e livres, respeitando o seu desenvolvimento. Ele acreditava que o ambiente deve ser controlado para evitar influências corruptoras e permitir que a criança explore o mundo e descubra sua moralidade e conhecimento de maneira espontânea.

▪ John Dewey

Dewey, considerado o principal expoente do pragmatismo, via a educação como um processo social que prepara o indivíduo para a vida em comunidade. Ele defendia uma educação democrática, onde o aluno participa ativamente e aprende a partir da resolução de problemas reais. Sua ideia de “aprender fazendo” revolucionou a prática pedagógica, tornando o aprendizado um processo ativo e colaborativo.

► Paulo Freire

Paulo Freire, importante educador brasileiro, propôs uma visão de educação como prática da liberdade. Em sua obra *Pedagogia do Oprimido*, Freire defende uma educação dialógica, onde professor e aluno constroem o conhecimento juntos. Sua proposta de educação libertadora visa conscientizar os alunos sobre as injustiças sociais, promovendo uma reflexão crítica que os capacite a transformar a realidade.

► A Filosofia da Educação na Prática Pedagógica

A filosofia da educação impacta diretamente as práticas pedagógicas e as políticas educacionais. Cada escola ou método de ensino reflete valores e pressupostos filosóficos que determinam desde o currículo até a relação entre professor e aluno. Por exemplo:

- Uma abordagem idealista pode valorizar o desenvolvimento ético, enfatizando disciplinas como ética e filosofia.
- O pragmatismo favorece métodos interativos e voltados para a resolução de problemas, como projetos colaborativos e aulas experimentais.
- A educação libertadora de Paulo Freire influencia práticas de ensino que valorizam a dialogicidade, onde o aluno participa da construção do saber e questiona a realidade em que vive.

Ao compreender as bases filosóficas da educação, educadores e formuladores de políticas podem desenvolver métodos e currículos que atendam melhor às necessidades dos alunos, promovendo uma educação integral e crítica.

A Filosofia da Educação nos leva a refletir sobre as escolhas e os valores que fundamentam a educação, possibilitando uma prática mais consciente e ética. Em um cenário de rápidas transformações sociais e tecnológicas, o resgate das bases filosóficas permite questionar o papel da educação e seus impactos na construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Assim, a Filosofia da Educação não apenas fundamenta a prática educativa, mas também ilumina o caminho para a formação de cidadãos críticos e comprometidos com a melhoria da sociedade.

HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO

► Educação na Antiguidade

A educação na Antiguidade apresenta grande diversidade, pois cada civilização antiga desenvolveu métodos e finalidades educacionais únicos, alinhados a seus valores e estruturas sociais. Nesta fase, o ensino era geralmente reservado para elites e, em grande parte, voltado para a transmissão de conhecimento religioso, cultural e militar.

A educação estava intrinsecamente ligada às crenças e ao papel que cada sociedade destinava ao aprendizado. As principais civilizações que influenciaram o desenvolvimento educacional na Antiguidade foram a Mesopotâmia, o Egito, a Grécia e Roma.

► Mesopotâmia e Egito

Na Mesopotâmia e no Egito, a educação formal era restrita a uma pequena elite, especialmente ligada à administração e religião, e focava no aprendizado da escrita, aritmética e princípios religiosos.

▪ **Mesopotâmia:** Os sumérios, babilônios e assírios desenvolveram sistemas de escrita cuneiforme, e a educação formal na Mesopotâmia era oferecida em escolas chamadas *edubbas*, ou “casas das tábuas”, onde o ensino era centrado na formação de escribas, uma das profissões mais importantes da época. Os escribas desempenhavam papéis cruciais em atividades administrativas, religiosas e comerciais, e o ensino girava em torno de habilidades práticas como contabilidade, leis e registros comerciais.

▪ **Egito Antigo:** No Egito, a educação também era restrita a escribas, sacerdotes e membros da elite. A formação de escribas envolvia aprendizado dos hieróglifos, a complexa escrita egípcia, além de aritmética e conhecimento sobre mitologia e religião, que eram centrais para a cultura egípcia. O ensino acontecia em escolas ligadas a templos e palácios, e os alunos eram, em grande parte, treinados para assumir posições na administração pública ou na condução dos rituais religiosos.

Essas duas civilizações compartilhavam uma visão funcional da educação, com foco na capacitação para o trabalho administrativo e religioso, limitando o acesso ao aprendizado a uma minoria com poder e prestígio.

CONHECIMENTOS ESPECÍFICOS

CONCEPÇÕES DE LÍNGUA/LINGUAGEM, TEXTO E DISCURSO. CORRENTES LINGÜÍSTICAS

CONCEPÇÕES DE LÍNGUA E LINGUAGEM

► Distinções entre linguagem, língua e fala

A linguagem como capacidade humana de significação

A linguagem pode ser compreendida como a capacidade humana de produzir, interpretar e compartilhar sentidos por meio de diferentes sistemas de signos. Essa capacidade não se limita às palavras, pois também se manifesta em imagens, gestos, sons, símbolos, expressões corporais e recursos visuais. Assim, uma fotografia, uma placa de trânsito, um sinal matemático ou uma sequência de gestos podem constituir formas de linguagem, desde que sejam empregados em determinado contexto para comunicar ou produzir significados.

No ensino de inglês, essa compreensão ampliada é especialmente importante porque a comunicação contemporânea é frequentemente multimodal. Vídeos, anúncios, páginas digitais, memes, infográficos e apresentações combinam elementos verbais e não verbais. Compreender um texto em língua inglesa, portanto, não significa apenas traduzir palavras, mas interpretar a relação entre vocabulário, imagens, organização visual, contexto e finalidade comunicativa.

A língua como sistema socialmente compartilhado

A língua é uma forma específica de linguagem constituída por signos, regras e convenções compartilhadas por uma comunidade. O inglês, o português, o espanhol e outras línguas possuem sistemas fonológicos, lexicais, morfológicos, sintáticos e semânticos que permitem aos falantes produzir enunciados compreensíveis.

Entretanto, a língua não deve ser vista como uma estrutura absolutamente fixa. Embora possua regularidades, ela se transforma ao longo do tempo e varia conforme fatores geográficos, sociais, culturais conforme fatores geográficos, sociais, culturais, históricos e situacionais. O inglês utilizado em uma entrevista de emprego, por exemplo, apresenta escolhas linguísticas diferentes das empregadas em uma conversa informal entre amigos. Da mesma forma, o inglês britânico, o americano, o indiano, o nigeriano e outras variedades apresentam particularidades legítimas de pronúncia, vocabulário e uso.

A fala e os usos concretos da língua

A fala corresponde à realização concreta e individual da língua em situações específicas. Cada falante utiliza os recursos linguísticos de maneira particular, de acordo com seus objetivos, conhecimentos, experiências e condições de interação. Em uma perspectiva mais ampla, essa realização também pode ocorrer pela escrita, por mensagens digitais e por outras modalidades de comunicação.

A distinção entre língua e fala permite compreender que conhecer regras gramaticais não garante, por si só, uma comunicação eficiente. O usuário da língua precisa saber selecionar formas adequadas à situação, ao interlocutor e à intenção comunicativa. Em inglês, escolher entre “Could you help me?” e “Help me” envolve não apenas conhecimento gramatical, mas também percepção de polidez, contexto e relação entre os participantes.

► Principais concepções teóricas de língua

Língua como sistema de signos

Na perspectiva estruturalista, associada especialmente aos estudos de Ferdinand de Saussure, a língua é concebida como um sistema organizado de signos. Cada elemento linguístico adquire valor por meio das relações que estabelece com os demais elementos do sistema. Uma palavra não possui significado isoladamente; seu valor depende das diferenças e das relações existentes dentro da língua.

Essa abordagem contribuiu significativamente para o desenvolvimento da Linguística como ciência, pois permitiu estudar a língua de maneira sistemática. No ensino de inglês, sua influência pode ser observada em práticas voltadas ao estudo de estruturas gramaticais, padrões sintáticos, vocabulário e relações formais entre os componentes da língua.

Apesar de sua importância, uma abordagem exclusivamente estrutural pode reduzir a língua a um conjunto de regras e formas abstratas, desconsiderando aspectos sociais, históricos e interacionais. O estudante pode aprender a formar frases gramaticalmente corretas e, ainda assim, apresentar dificuldades para empregá-las adequadamente em situações reais.

Língua como capacidade cognitiva

A perspectiva gerativista, desenvolvida a partir dos trabalhos de Noam Chomsky, compreende a língua como uma capacidade mental própria da espécie humana. Segundo essa visão, os seres humanos possuem uma predisposição biológica para adquirir línguas, o que explicaria a rapidez e a complexidade do processo de aquisição da linguagem pelas crianças.

Essa concepção distingue a competência linguística, entendida como o conhecimento internalizado das regras de uma língua, do desempenho linguístico, que corresponde ao uso concreto desse conhecimento. Erros, hesitações e interrupções presentes na fala podem decorrer de fatores como cansaço, distração ou limitações de memória, sem necessariamente indicar ausência de conhecimento linguístico.

No ensino de inglês, essa perspectiva destaca a importância de compreender os mecanismos cognitivos envolvidos na aprendizagem. Contudo, quando considerada isoladamente, pode atribuir menor atenção às condições sociais, culturais e históricas em que a língua é efetivamente utilizada.

Língua como instrumento de comunicação

A concepção de língua como instrumento de comunicação enfatiza sua função de transmitir mensagens entre um emissor e um receptor. Nessa perspectiva, comunicar significa codificar uma informação por meio de um sistema linguístico e permitir que o interlocutor a decodifique.

Essa visão influenciou abordagens de ensino voltadas ao desenvolvimento de funções comunicativas, como apresentar-se, solicitar informações, fazer convites, expressar opiniões e pedir ajuda. O ensino deixa de se concentrar apenas na memorização de regras e passa a considerar o que o estudante precisa fazer com a língua.

Entretanto, a comunicação não consiste em uma simples transferência de informações prontas. Os sentidos são construídos durante a interação e podem ser afetados por conhecimentos prévios, relações sociais, intenções, valores culturais e características do contexto.

► A língua como prática social e interacional

A construção de sentidos na interação

Nas abordagens sociointeracionistas, a língua é compreendida como uma forma de ação social. Os sujeitos não utilizam a língua apenas para representar a realidade, mas também para agir sobre ela. Ao falar ou escrever, uma pessoa pode informar, convencer, questionar, prometer, criticar, agradecer, recusar, negocial ou construir uma determinada imagem de si.

Os sentidos não se encontram completamente prontos nas palavras. Eles são produzidos na relação entre os participantes, o contexto e os conhecimentos mobilizados durante a interação. A expressão inglesa “That’s great”, por exemplo, pode indicar entusiasmo genuíno ou ironia, dependendo da entonação, da situação e da relação entre os interlocutores.

Essa concepção exige que o ensino de inglês trabalhe com situações comunicativas contextualizadas. Em vez de estudar frases isoladas, o estudante deve analisar quem fala, para quem fala, com qual objetivo, em qual ambiente e por meio de qual gênero textual.

A dimensão histórica e cultural da língua

Toda língua é constituída historicamente e carrega marcas das sociedades que a utilizam. Palavras, expressões, formas de tratamento e escolhas discursivas refletem valores, identidades, relações de poder e transformações culturais. Por essa razão,

aprender inglês não significa apenas dominar um código linguístico, mas entrar em contato com diferentes práticas culturais e modos de produzir sentidos.

Também é necessário evitar a ideia de que existe uma única forma legítima de inglês. A expansão internacional da língua resultou em múltiplas variedades e usos. O inglês funciona como língua materna, segunda língua e língua franca em diferentes contextos. Nessa realidade, a inteligibilidade e a adequação comunicativa podem ser mais relevantes do que a imitação rigorosa de um único padrão nativo.

► Implicações para o ensino de inglês

Da memorização de estruturas ao uso significativo

A concepção de língua adotada pelo professor influencia diretamente os objetivos, os materiais e as atividades de ensino. Quando a língua é tratada apenas como sistema gramatical, predominam exercícios de repetição, classificação e preenchimento de lacunas. Essas práticas podem contribuir para a sistematização de determinados conhecimentos, mas são insuficientes para desenvolver a capacidade de interação.

Quando a língua é compreendida como prática social, o ensino passa a integrar gramática, vocabulário, contexto, intenção e efeitos de sentido. O estudante aprende não apenas como uma estrutura é formada, mas por que ela é utilizada, em quais situações é adequada e que sentidos pode produzir.

Nessa perspectiva, o conhecimento gramatical permanece importante, mas deixa de ser o objetivo final. Ele se transforma em recurso para ler, escrever, ouvir, falar, interpretar e participar de práticas sociais mediadas pela língua inglesa. O propósito central do ensino passa a ser a formação de usuários capazes de compreender criticamente os diferentes usos da linguagem e de atuar de maneira adequada, consciente e significativa em contextos diversos.

CONCEPÇÕES DE TEXTO

► O texto como unidade de sentido

Da sequência de frases à construção textual

O texto não pode ser compreendido apenas como um conjunto de frases gramaticalmente corretas. Para que uma produção seja considerada textual, seus elementos precisam estabelecer relações de sentido e formar uma unidade reconhecível em determinada situação comunicativa. Isso significa que a textualidade depende tanto da organização linguística quanto da interação entre autor, leitor, contexto e finalidade.

Uma sequência como “The meeting starts at nine. Please arrive early. The conference room is on the second floor” constitui um texto porque as informações estão articuladas em torno de uma situação comum. Em contrapartida, frases corretas, mas desconectadas entre si, podem não produzir uma mensagem coerente.



GOSTOU DESSE MATERIAL?

Então não pare por aqui: a versão **COMPLETA** vai te deixar ainda mais perto da sua aprovação e da tão sonhada estabilidade. Aproveite o **DESCONTO EXCLUSIVO** que liberamos para Você!

EU QUERO DESCONTO!